

TRANSFORMAÇÕES DO ESPORTE: ESTÉTICA E REGIME DE VISIBILIDADE (PÓS) MODERNO

Allyson Carvalho Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo

Este artigo propõe refletir sobre as transformações do esporte a partir da comparação entre manifestações deste na modernidade e no período contemporâneo. Utilizando-se de referências imagéticas variadas, o texto delinea características analógicas para o debate e assinala as formas de apropriação da conjuntura moderna e pós-moderna pelo esporte, apontando para uma ampliação progressiva do conceito. As reflexões apresentadas aqui explicitam as mutações estéticas do esporte imerso na cultura contemporânea, que, mesmo não negando suas raízes modernas, relativizam a compreensão de esporte moderno.

Palavras-chave: Esporte. História. Estética.

Por uma perspectiva histórica da estética esportiva

Considerando as transformações ocorridas nos últimos séculos, sobretudo, as que modificam de sobremaneira as estruturas sociais e a produção cultural humana, é recorrente a inquietação que permeia as mutações das práticas corporais. Os indicativos que antecedem a modernidade apontam para a construção de uma ideia de práticas corporais atrelada a rituais religiosos, ao prazer e ao culto ao corpo. Referências como os jogos gregos, apontavam para a ritualização das práticas corporais sob a lógica do sagrado; já na acepção dos romanos, a lógica da cultura física atrelava-se a um movimento de secularização dos jogos esportivos, distanciando-se do elo sagrado em direção ao ordinário. Também, nos jogos medievais, a lógica dos jogos indica um formato pouco alicerçado na busca de sistematização, característica própria do esporte moderno, e fortemente ligada ao prazer do jogador

e do apreciador (PILATTI, 2002), o que nos faz relacionar as bases das práticas esportivas com a base estética¹.

Não equivocadamente, Maffesoli (1996) mostra que é o enlace sensível, portanto, estético, que produz o amálgama social. Como percebemos, seja pelo ritual sagrado, pelo culto ao corpo ou pelo prazer, todas as estruturas culturais que delineiam as práticas competitivas ou proto-esportivas nos diversos espaços históricos transcorrem da abordagem estética.

O que se percebe, no entanto, é a negligência do debate estético para o esporte (WELSH, 2001; GUMBRECHT, 2007), sobretudo, no que diz respeito a uma melhor compreensão dessa manifestação cultural. Nesse sentido, acreditamos que os enredos sociais que configuram o esporte sempre apresentam significações estéticas peculiares que extravasam a instituição esportiva para difratar-se no conjunto cultural.

É nesse intuito que buscamos indícios na formação social. Assim, procuraremos refletir sobre as transformações do esporte a partir da comparação entre manifestações deste na modernidade e no período contemporâneo. O investimento não pretende acionar debates entre modernismo e modernidade ou pós-modernismo e pós-modernidade, mas sim, elencar as conjecturas sociais que fazem emergir a estética de um período, e como esta se infiltra nos objetos culturais, entre os quais, o esporte.

O debate teórico entrelaça autores, sobretudo, da área das Ciências dos Esportes/Educação Física e da Comunicação, como também, organiza argumentos de convergência em prol de uma estética do esporte, termo utilizado por Bernard Jeu em sua obra “Analyse Du sport”.

O esporte não se sentirá estranho, ele que é frequentemente perseguido, vivido, representado como uma fabulosa história, com seus heróis mitológicos, os campeões [...] Daí a necessidade de uma estética do esporte. Ele é comunicação e criação. (JEU apud MELO, 2006, p. 20).

Utilizam-se produções cinematográficas como indicadores do debate, pela crença de que estas formulam a representação do imaginário social de um tempo, mesmo que sua produção recaia sobre tempos distintos de sua criação. Nesse sentido:

1-Para saber mais, consultar Melo (2006) e Welsh (2001).

Traduzido do Espanhol: “Los dos, Cine y Deporte, aunque capaces también de alienarnos y volvernos contra nosotros mismos, como toda actividad que se desnaturaliza, son El mejor ejercicio, imaginário y real, respectivamente, que hemos inventado para encontrar y ampliar nuestra propia medida humana” (RUIZ apud MELO, 2006, p. 71).

Os apontamentos remontam o pensamento da modernidade no século XIX e início do século XX, bem como reflexões do contemporâneo. O resgate histórico almejado neste texto incorre no risco natural de invenção do passado (HOBSBAWN, 1998). Dessa forma, buscaremos não uma cronologia linear ou sequencial de fatos, mas a formulação de ideias fundamentais de momentos históricos na intenção de perceber as mudanças sociais.

Adotaremos, tal como Bracht (2002), a perspectiva de que o esporte constitui-se de espelho da estrutura social mais ampla, sobretudo, a que considera que o esporte configura dentro de si dispositivo de regulação do ritmo cultural para sua significação e ressignificação.

A estética esportiva na modernidade

Mesmo considerando as notas esportivas posteriores; é na Idade Moderna que se constrói a sistematização de práticas distintas que se aglutinam sob a rubrica de esporte. O que chamamos de esporte moderno é resultado de um processo de racionalização do sistema social e produtivo, na emergência de uma sociedade capitalista industrial. Podemos dizer que

a racionalidade científica, característica da modernidade, cujo paradigma hegemônico estava voltado para a identificação das leis inerentes às coisas ou fenômenos, com o objetivo de aumentar nosso poder/controlar sobre esses [...], foi co-produtora do esporte moderno; ou então, que o desenvolvimento do esporte moderno se dá no mesmo caldo sociocultural em que se desenvolveu a ciência moderna. (BRACHT, 1995, p. 38).

Sob a marcada sistematização, a cultura moderna inaugura um escopo social, definido em grande proporção, por questões tecnológicas, demográficas e capitalistas que apontavam para uma experiência de

vida urbana atrelada à rapidez, ao caótico, à fragmentação e à intensidade de estimulação sensorial (SINGER, 2004).

Giddens (1991) afirma que a modernidade produziu uma série de descontinuidades. Primeiramente, rompendo com os modelos de ordem social que os precedeu, que impossibilitam a aplicação de uma teoria evolucionista para justificar a transformação social. Segundo esse autor, as instituições sociais da época se diferem de maneira drástica de suas antecessoras por características gestadas no período moderno, a saber: o ritmo de mudança (que se liga diretamente à dimensão tecnológica), o escopo da mudança (ampla possibilidade de interconexão global) e a natureza inerente às instituições modernas (transformação em mercadoria de produto e trabalho assalariado).

Não sem razão, também na história do esporte, identificam-se descontinuidades, sobretudo, na construção de um modelo de esporte que é compatível com a ordem social da modernidade, capitalista e industrial. Assim:

Quando o barão de Coubertin lançou a ideia de revitalizar os jogos Olímpicos, ele o fez porque também acreditava no continuum entre os esportes da Antiguidade e os da Modernidade - ilusão muito cara aos europeus do final do século XIX. Embora hoje ainda seja possível observar vestígios dessa visão romântica, na verdade como tentarei demonstrar, a história do esporte é marcada por descontinuidades significativas. (GUMBRECHT, 2007, p. 66).

As características das sociedades modernas influenciam diretamente as peculiaridades do esporte para atualizar seus valores e legitimar essa manifestação no cenário social. Assim, dois desdobramentos emblemáticos podem ser destacados desse momento de formação histórica do esporte. Primeiramente, é necessário dar destaque a institucionalização do esporte como prática corporal relativamente autônoma, que detêm a função social e propõe uma forma específica de ação corporal que caminha para o alto desempenho. Paralelamente, é possível realçar a mercadorização dessa prática esportiva, gestação de uma perspectiva que prima pela espetacularização da performance corporal como uma possibilidade de valorização comercial atrelada ao jogo esportivo.

É desse cenário, que a estética do esporte moderno tenciona valores morais da antiguidade com um projeto de sociedade moderna. A força dessa tensão pode ser observada no filme ‘Carruagens de Fogo’², sob a direção de Hugh Hudson (1981) que remonta a cena do esporte com a retomada dos Jogos Olímpicos, já impregnado por valores modernos, no contexto da Inglaterra, país visto por muitos como berço do esporte moderno.

Em preparação para as competições dos Jogos Olímpicos de Paris de 1924, dois dos maiores atletas da Inglaterra envolvem-se em dilemas morais. Embates entre profissionalismo e amadorismo, bem como relações religiosas que ainda permeiam a prática esportiva, são questões revisitadas na produção, que considera a progressiva infiltração da lógica competitiva e de rendimento herdada pela conjuntura moderna.

É evidente que a competição já permeava o esporte, respeitando a lógica da igualdade de oportunidades, da especialização de papéis, da organização burocrática e da quantificação; e também fornecia elementos que impregnavam as características modernas do esporte, sem, no entanto, resistências diversas de um formato anterior de esporte. Neste filme, o embate da crença religiosa dialogando com a busca pela vitória demonstra uma face desta resistência. O dilema entre o amadorismo e o profissionalismo reproduz a estrutura capitalista de emergência produtivista na especialização de papéis, que, no esporte é reconhecido na racionalização e cientificização do treinamento. Nesse sentido, Vaz (2000) afirma que:

(...) o esporte é um dos principais vetores da ideia de um progresso linear e infinito, cuja concepção de natureza é fortemente vinculada à produtividade e à tecnificação. As metáforas maquinais em relação ao corpo, tão típicas da modernidade, não são figuras de linguagem inocentes. (VAZ, 2000, p.75).

A busca pela sistematização de treinamento (racionalização e cientificização) caminhava atrelada ao projeto de esquadramento do rendimento corporal, potencializando o espelhamento e adequando-se na produção capitalista enquanto ordem social vigente.

2-Longa-metragem produzido nos Estados Unidos, em 1981.

Na base da questão profissionalismo/amadorismo está presente o conflito social básico da sociedade capitalista: capital X trabalho. As classes dominantes (burguesia e aristocracia) fizeram da apologia ao amadorismo uma estratégia de distinção social; nele, no amadorismo, estava presente o ethos aristocrático – atividade realizada pelo simples prazer de realizá-la, sem fins úteis, desinteressada, a arte pela arte. (BRACHT, 2003, p. 100).

Se a apropriação, pelo esporte, de valores modernos, modificou seus sentidos sociais, esteticamente, o esporte demonstrou sua negação ao passado romântico para exaltar o tecnicismo. A representatividade do fenômeno esportivo e sua ligação com a estética moderna é evidenciada em Walter Benjamin. Vaz (2000) localiza em notas preparatórias para o ensaio sobre a reprodutibilidade técnica de Benjamin, temas ligados ao esporte e aos Jogos Olímpicos, a saber, que:

Em suas anotações, Benjamin compara o esporte e os Jogos Olímpicos com a estrutura científica do taylorismo, antecipando em vinte anos as considerações que, nos anos cinquenta, a então incipiente sociologia do esporte faria a respeito da relação entre esporte e lógica industrial. Aos movimentos do trabalho e da produção automatizada corresponderiam, até certo ponto, os do esporte, passíveis de pormenorizada análise. Fundamental para o esporte, segundo Benjamin, é seu caráter prescritivo, que subjugaria o comportamento humano a uma severa medição em segundos e centímetros, colocando-o ao nível de uma elementaridade física. As “Olimpíadas são reacionárias”, escreve Benjamin nas notas, sem levar, no entanto, essa ideia adiante no ensaio propriamente dito. (VAZ, 2000, p. 69).

Outro indicativo das relações entre estética moderna e esporte é o levantamento detalhado que Melo (2007) faz das obras do movimento futurista. Nesse artigo, o autor levanta elementos da estética moderna, sobretudo, a velocidade e a ideia de movimento, a partir de obras de Umberto Boccioni, Henri Gaudier-Brzeska, Wyndham Lewis e Vittorio Corona. Já no Brasil, artistas como Vicente Rego Monteiro, Francisco Rebolo e Cícero Dias também retravaram esse movimento, destacando sua proximidade como o tema esportivo como forma de

contraponto com a tradição e de representar uma sensibilidade estética que tivesse relação com celeridade dos tempos modernos:

Los futuristas detestamos lo campestre, la paz del bosque, el murmullo del arroyo... Preferimos al hombre trastornado por la pasión o la locura del genio, las grandes barriadas populares, los ruidos metálicos, el rugido de la muchedumbre. Las pistas, las competiciones atléticas, las Carreras nos exaltan! La meta es para nosotros el maravilloso símbolo de la modernidad! (BOCCIONI apud MELO, 2007).

O esporte apresenta-se como mais um elemento da cultura moderna que, ao que parece, tem duas possibilidades de abordagem para sua leitura estética. A primeira se dá na representação deste nas obras de arte das vanguardas modernistas como elemento de cultura que representa bem as aspirações modernas. A segunda repousa sobre o próprio rearranjo pelo qual passou o esporte a partir das influências do projeto moderno. Em ambos os casos não é possível fugir à constatação de que:

A dimensão estética da modernidade revitaliza o foco na racionalidade através da primazia das formas sobre os conteúdos, e essa seria uma das principais maneiras de se desvencilhar do caos moderno, ou de, pelo menos, tê-lo sobre o controle da racionalização. A criação de novos códigos, de diferentes modos de se construir as linguagens artísticas foi uma das principais preocupações do artista moderno/modernista. A ênfase nos códigos (e na rigidez e seriedade destes códigos) resultou, portanto, na cada vez maior especialização e fechamento das linguagens artísticas. A modernidade, através do(s) modernismo(s), tornou-se sistemática, institucionalizada e extremamente formalizante. O(s) modernismo(s) respondeu (responderam) primordialmente ao caos da vida moderna com a ordem do significante, com formas herméticas, com o ciframento das linguagens (PRYSTHON, 2002, p. 67-68).

Para o esporte, como dito anteriormente, as repercussões sofridas foram no sentido da coisificação do corpo produtivo e a institucionalização de uma performance como indicador da racionalização de rendi-

mento corpóreo. A sistematização das regras, a cientificização do treinamento, o processo paulatino de exibição esportiva e dos corpos atléticos, gestando uma espetacularização do mesmo, todos esses elementos configuravam uma estética tecnicista, repetitiva, calistênica e produtivista do esporte moderno.

Arelados a essas últimas considerações do cenário moderno, é necessário dar destaque ao que Bergman (1990) nos fala sobre a Modernidade. Em suas palavras:

No século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e acultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento [...] A ideia de modernidade, concebida por inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade (BERGMAN, 1990, p. 17).

Segundo os apontamentos, é no seio do século XX que se abrem a possibilidade de representação e percepção do mundo, e criam-se instâncias confusas e divergentes de conceber a vida. A desreferencialização mencionada por Gumbrecht (1998) ganha sentido no momento de exacerbação do cenário moderno deste período, tornando possíveis novos arranjos morais, éticos e estéticos ao tecido social. As consequências desse movimento para a compreensão do esporte é o que nos mobiliza à continuidade do debate.

O esporte contemporâneo e a estética: indicadores de multiplicidade

A multiplicidade de referências esportivas, que atualmente agenciam corpos na contemporaneidade, bem como os formatos de disseminação dessas práticas, oportuniza a polissemia de significados que permeiam o esporte atual. A imprecisão de conceitos e valores talvez se ancoram na própria pluralidade de referências que permeiam o contemporâneo. A chamada crise da modernidade, e a posterior anunciação de uma pós-modernidade, indicada por Lyotard ao apontar o deslocamento da centralidade científica e a descrença no progresso,

via racionalidade (FENSTERSEIFER, 2001; GIDDENS, 1991), promovem rupturas no contexto social e na produção cultural do contemporâneo. Nas palavras de Eagreton:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas e os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do Iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas em relação às idiossincrasias e a coerência das identidades. (EAGRETON apud PRYSTHON, 2002, p. 66).

O que marca, portanto, a conjuntura do pós-moderno é a visibilidade do heterogêneo, a consideração da multiplicidade e a atenção dada às especificidades de contextos particulares. Na visão do Maffesoli (1996), a pós-modernidade é uma colcha de retalhos constituída de elementos diversos que estabelecem conexões constantes. Na concepção deste autor a abordagem estética é privilegiada para justificar e compreender o espírito pós-moderno, afirmando ainda que o homem seja produto da estética.

Na busca por uma compreensão mais específica para pensar a pós-modernidade no campo da representação, Gumbrecht (1998) nos diz que:

A versão filosoficamente mais interessante do conceito de Pós-modernidade, no entanto – e, penso eu, bem plausível –, consiste em conceber nosso presente como uma situação que se desfaz, neutraliza e transforma os efeitos acumulados dessas modernidades que têm se seguido uma à outra desde o século XV. Essa Pós-modernidade problematiza a subjetividade e o campo hermenêutico, o tempo histórico e mesmo, de um certo ângulo (talvez pela sua radicalização), a crise da representação. (GUMBRECHT, 1998, p. 21).

Contudo, a noção de pós-modernidade da sociedade contemporânea não é homogênea, sendo, por vezes, renunciada por alguns pensadores que alegam que não estamos em uma fase posterior à modernidade, mas antes estamos em uma fase de radicalização de seu projeto (GIDDENS 1991). Entretanto, cabe ainda ponderar, que, mesmo os que rejeitam a noção de pós-moderno, admitem a “emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas” (1991, p. 58).

No território do debate estético dessa condição pós-moderna, o conceito de pós-modernismo aparece como crítica aos movimentos de vanguarda artística da modernidade, bem como de reflexão interna das produções anteriores e suas possibilidades combinatórias (PRYSTHON, 2002).

Esse tipo de reflexão transportada para o cenário esportivo aponta para as mudanças nos enfoques de apreciação e valoração dos espetáculos esportivos contemporâneos. Se em contextos anteriores a valoração do esporte recaía unicamente no desempenho tecnicista, cabe questionar o que hodiernamente encanta os espectadores do esporte.

Outras possibilidades de fascínios pelo esporte também são levantadas por Gumbrecht (2007). Esse autor considera a leveza e graça dos movimentos; os instrumentos de jogo como extensões do corpo do atleta que potencializam o desempenho; as formas e combinações dos esportes ditos “artísticos” (Ginástica Rítmica, Nado Sincronizado, Ginástica Artística) que até em suas metrificações de desempenho atribuem notas artísticas e/de criação em seus códigos de pontuação; e também, as jogadas esportivas como recombinações de técnicas que promovem o ato criativo no jogo esportivo.

A abertura às multiplicidades valorativas creditadas ao esporte também pode ser verificada nas produções cinematográficas que têm dado visibilidade à descentralização do viés performático do esporte e promovendo diálogo interessante sobre o que está contemporaneamente em jogo na valoração estética do esporte. Tomemos como exemplo três produções do nosso século que tematizam um mesmo esporte. Os filmes *Beautiful Boxer*³, *Menina de Ouro*⁴ e *Billy Elliot*⁵,

3-Longa-metragem produzido na Tailândia, em 2003, sob a direção de Ekachai Uekrongtham.

4-Longa-metragem produzido nos Estados Unidos, em 2004, sob a direção de Clint Eastwood.

no nosso entendimento, descentralizam o protótipo rude e viril do boxe, normalmente associado à masculinidade e ao vigor da força corporal.

De formas distintas, cada produção realiza um debate intrigante sobre a relação entre a delicadeza e a robustez, sem deslocar a busca pela vitória, própria do esporte. O primeiro, ao dar visibilidade à biografia de um dos principais campeões de boxe tailandês, Parinya Charoenphol, oferta a história de um sujeito que confunde a identidade máscula do homem bruto com um transexual vitorioso. A segunda obra problematiza o descrédito da figura feminina em atividade de vigor corporal, tal como o boxe e, sobretudo, sua aptidão para o treinamento. Já a última produção apropria-se de um impasse moral de um garoto, localizado no seio da era industrial, ao seduzir-se por atividades corporais graciosas e de delicadezas creditadas às mulheres, tal como o balé, em detrimento de atividades vigorosas e másculas, tal como o boxe.

Três produções aclamadas e resultantes de processos de criação distintos, em realidades singulares de suas culturas. Não por acaso, as representações nos três longas-metragens apresentados procedem de forma questionadora à temática da força viril agressiva que foi forjada para o boxe no seio da modernidade e que ainda tem repercussões na atualidade (GUMBRECHT, 2007).

É a consideração dos sujeitos margeados pelo virtuosismo atlético que também vem permeando a multiplicidade de esportes presentes no período contemporâneo. A máxima olímpica do “mais alto, mais forte e mais veloz”, atualmente, deve ser acrescida de valores como desejo, impulso, sonho e prazer.

A partir dos diversos fragmentos do cotidiano esportivo atual, seja no cinema, na TV, nas ruas, nos centros de treinamento ou nas montanhas de escalada, fica clara a abertura da multiplicidade estética, ou de sua abordagem, no esporte contemporâneo que abriu seu leque de significação, de definição. De todo modo, mesmo resgatando outras dimensões estéticas, o esporte contemporâneo não perde sua identidade. A busca pelo resultado ainda é seu objetivo e disso não se furta. A valoração do que se entenda como belo ou inusitado no esporte tem mudado. Mas a roda-viva do esporte gira em torno da vitória. É, pois, seu

5-Longa-metragem produzido na Inglaterra, em 2000, sob a direção de Stephen Daldry.

enredo e sua ordem, mesmo que essa história tenha um sentido plural. Vejamos que:

A perfeição estética não é incidental para o sucesso esportivo, mas intrínseca. O que é decisivo para o sucesso esportivo é a perfeita performance. E esse fator, sobre todos os outros, que é esteticamente apreciado no esporte. Admiramos a elegância de uma esguia saltadora em altura quando, subindo e descendo, desliza seu corpo suavemente sobre a barra; ou a potência da célere corredora cujas pernas espantosas explodem quando sentem se aproximar a linha de chegada – e essa é a razão de todo esse gosto em observar, inspecionar, mirar seus belos corpos durante e depois do evento, de modo que assim se possa melhor compreender suas realizações e melhor se surpreender ao vê-los cruzar tão inteiros e infatigáveis a linha de chegada. Nesse sentido, nós, como espectadores, temos razão em concentrar-nos na realidade dos corpos. E os atletas têm razão em buscar a perfeição de seus corpos e mesmo de exibí-los. No esporte, o estético e funcional andam de mãos dadas. (WELSCH, 2001, p. 144-145).

Entre as visíveis modificações e a essência latente do esporte, resta-nos a inquietante interrogação: Em que medida o esporte atual se afasta de sua definição original de esporte moderno? Ou antes, é possível a partir das transformações atuais identificadas, reconceituar esporte com o mesmo rigor?

O esporte e (pós) modernidade

As mutações próprias dos elementos da cultura ofertam significações distintas nos diferentes momentos históricos. A dessacralização das práticas corporais e a racionalização das mesmas para sistematizar o esporte são exemplos deste movimento. As transformações do contemporâneo têm apontado para outras modificações no esporte, fenômeno multirreferencial que agrega significação, que versam sobre a instabilidade, o virtuosismo e o prazer.

Nesse cenário, é necessário refletir, e aplicar ao esporte, assim como o fez Giddens (1991), se estamos em um período de radicalização do moderno ou se estamos em uma fase pós-moderna. Já assumindo

sua postura, esse autor nos esclarece que, “em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas” (1991, p. 12).

Indagamos se hoje temos um esporte hipermoderno ou pós-moderno. As peculiaridades polissêmicas apontam para características pós-modernas. No entanto, a fixidez na competição ainda caracteriza o evento esportivo. Basta-nos refletir se essa questão é central.

Muito se tem falado da comercialização do esporte, admitindo o consumo dos elementos da cultura como massificação dos mesmos. Mas seria esse, prioritariamente, o elemento que caracteriza o esporte contemporâneo? Essa massificação por si só não pulveriza sua significação, não gera expectativas diferenciadas. Na verdade, pensamos que:

Se por um lado, a expansão, divulgação e heterogeneização ampliam as fronteiras do esporte, tornando-o mais acessível, por outro, esse crescimento também amplia a esfera de possíveis consumidores desse fenômeno. Essa diversidade de manifestações pode tanto oferecer oportunidades de melhorias sociais, como também auxilia na divulgação e comercialização do espetáculo e de produtos ligados a ele. (MARQUES et al, 2007, p.1).

Gera-se, portanto, uma nova sensibilidade frente ao esporte contemporâneo, fruto de um novo regime de visibilidade e, paralelo a este, uma nova significação (VALVERDE, 2007). Vê-lo, compreendê-lo ou identificá-lo não é tão simples como em outros momentos. Não obstante esse fenômeno mostrar-se diferente em sua manifestação (modificações de técnica, regras, etc.), as formas de visibilidade dele também se modificaram. Sendo fiel ao conceito, não é possível falar de uma ideia de esporte puro (ou seria moderno?) justamente porque se faz necessário considerar sua espetacularização, sua virtualização (BETTI, 1998) e suas diferentes entradas sociais, sejam elas na manifestação do esporte educacional, participação ou de rendimento (TUBINO, 1992).

Segundo os argumentos que buscamos elencar neste espaço de reflexão, identificam-se modificações que questionam a ideia do esporte moderno, mas que ao mesmo tempo não negam os preceitos que o

constituiu (competição, sistematização do treinamento – racionalização). Admitindo que nenhuma dessas considerações anula a outra, aponta-se como agenda de pesquisa a identificação dos elementos estéticos que permeiam essa multiplicidade de significações esportivas de forma a abarcar a uma síntese atual que possibilite pensar esporte se não pós-moderno, mas neo-moderno, como já demonstrava Fens-tersaifer (2001) sobre a Educação Física na crise da modernidade.

Sport transformation: aesthetic and (post) modern visibility system

Abstract

This article proposes a reflection on sport transformation through the comparison of its manifestations in modernity and in the contemporary period. By using varied imagery references, the text outlines analogical features to the debate, and points out the ways of modern and post-modern juncture appropriation by the sport, leading to a progressive expansion of the concept. The reflections presented here explicit sports aesthetic mutations steeped in the contemporary culture which, while not denying its modern roots, relativize the understanding of modern sport.

Keywords: Sports. History. Aesthetics.

Transformación del deporte: estética y el régimen de visibilidad (post) moderno

Resumen

El texto propone una reflexión sobre la transformación del deporte por la comparación entre las manifestaciones de la modernidad y la época contemporánea. Utilizando como referencias diversas imágenes, el texto describe las características analógicas para el debate y señala las formas de apropiación del momento oportuno moderno y posmoderno por el deporte, apuntando a una progresiva expansión del concepto. Las reflexiones presentadas en este artículo apunta para mutaciones estéticas del deporte inmerso en la cultura contemporánea que, sin negar sus raíces modernas, relativiza la comprensión del deporte moderno.

Palabras clave: Deporte. Historia. Estética.

Referências

BERGMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BRACHT, V. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S.; BRACHT, Valter (Orgs). **Ciências do Esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995.

_____. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M. W. & LUCENA, R. F. (Org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **Sociologia Crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Unijuí, 2003.

COSTA, V. L. M. **Esporte de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FENSTERSAIFER, P. E. **A educação Física na crise da modernidade**. Ijuí: Unijuí: 2001.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HOBSBAWN, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOVISOLO, H. **Estética, esporte e educação física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARQUES, R. F. R. A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir do final da Guerra Fria. In: **Anais do 1º ENCONTRO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”** UFPR - Curitiba - Paraná – Brasil, 2007.

MELO, V. A. **Cinema & esporte: diálogos**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2006.

_____. **Esporte, futurismo e modernidade**. História. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 201-225, 2007.

PILATTI, L. A. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, M. W. & LUCENA, R. F. (Org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRYTHON, A. **Cosmopolitismos periféricos: ensaios sobre modernidade, pós-modernidade e estudos culturais na América Latina**. Recife: Bagaço, 2002.

SINGER, B. Sociedade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L. & SCHWARTZ, V. R. (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.

VALVERDE, M. **Estética da comunicação: sentido, forma e valor nas cenas da cultura**. Salvador: Quarteto, 2007.

VAZ, A. F. **Da Modernidade em Walter Benjamin: crítica, esporte e escrituras pós-históricas das práticas corporais**. Educar. Curitiba: UFPR, n. 16, p. 61-79, 2000.

WELSCH, W. Esporte – Visto esteticamente e mesmo como arte? In: ROSENFELD, D. L. (Org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

.....
Recebido em: 29/03/2011

Revisado em: 23/08/2011

Aprovado em: 12/01/2012

Endereço para correspondência

allyssoncarvalho@hotmail.com

Allyson Carvalho Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física.

Campus Universitário, s/n - Lagoa Nova - 59072-970 - Natal, RN - Brasil